



ENSAIO SOBRE O ESPORTE NA ESCOLA: DELINEAMENTOS A PARTIR DE UMA CORRELAÇÃO COM OS ESTUDOS DE EDUCAÇÃO COMPARADA

Resumo - O esporte dentro do contexto escolar é objeto de frequentes questionamentos em relação à sua verdadeira função educacional – há ainda um olhar reducionista para com o fenômeno, entendendo-o como algo excludente. Nesse sentido, não iremos tratar do esporte enquanto um dos conteúdos do currículo da Educação Física, mas sim como uma prática que deve ocorrer no contraturno escolar. Portanto, o objetivo do presente ensaio é apontar uma série de ideias possivelmente fecundas sobre o esporte na escola, bem como correlações com os estudos do campo da educação comparada.

Palavras-chave: esporte escolar; educação; educação comparada; esporte na escola.

ESSAY ON SPORT AT SCHOOL: DESIGNS BASED ON A CORRELATION WITH COMPARATIVE EDUCATION STUDIES

Abstract - Sport within the school context is the object of frequent questioning in relation to its true educational function – there is still a reductionist look at the phenomenon, understanding it as something excluding. In this sense, we will not deal with sport as one of the contents of the Physical Education curriculum, but as a practice that must occur after school hours. Therefore, the objective of the present essay is to point out a series of possibly fruitful ideas about sport at school, as well as correlations with studies in the field of comparative education.

Keywords: school sport; education; comparative education; sport at school.

ENSAYO SOBRE EL DEPORTE EN LA ESCUELA: DISEÑOS A PARTIR DE UNA CORRELACIÓN CON LOS ESTUDIOS DE EDUCACIÓN COMPARADA

Resumen - El deporte en el contexto escolar es objeto de frecuentes cuestionamientos en relación con su verdadera función educativa – aún existe una mirada reduccionista del fenómeno, entendiéndolo como algo excluyente. En este sentido, no trataremos el deporte como uno de los contenidos del currículo de Educación Física, sino como una práctica que debe darse fuera del horario escolar. Por tanto, el objetivo del presente ensayo es señalar una serie de ideas posiblemente fructíferas sobre el deporte en la escuela, así como correlaciones con estudios en el campo de la educación comparada.

Palabras-clave: deporte escolar; educación; educación comparada; deporte en la escuela.

*Andreza Rodrigues
Marreiros de Sousa*

marreiros@usp.br

Faculdade de Educação

*Universidade de São
Paulo, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v6.id140](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v6.id140)*

Recebido: 03 dez 2021

Aceito: 08 mai 2022

Publicado: 17 jun 2022

Introdução

Como uma das mais potentes manifestações do mundo, o esporte traz consigo diversos significados e possibilidades de prática, apresentando-se como um espaço da manifestação da vontade heroica e da potência humana, posto que convoca os seus praticantes à realização de grandes feitos - em nome de sua instituição, cidade ou país ao qual representa – ou, então, da garantia de subsistência¹. Dessa forma, através de suas diversas representações, o esporte torna-se o reflexo de um imaginário conceituado como heroico², e esse imaginário seria o elemento central à singularidade do esporte, trazendo consigo a força capaz de mobilizar os indivíduos em busca de experiências que vão além de toda objetividade e pragmatismo característicos da atividade atlética. Do mesmo modo, o esporte é considerado terreno fértil para a produção de relações, identificações e experiências que orientam padrões de comportamento fundamentais na formação de identidade do sujeito.

A organização e a sistematização do esporte moderno orientam-se pela possibilidade de desenvolvimento civilizatório das gentes³. Pierre de Coubertin⁴ entendia que o esporte se relacionava não somente ao aprimoramento físico, mas também ao moral e espiritual dos envolvidos; além do mais, reforçava que as dimensões espiritual e de valores constituíam o esporte moderno e a educação olímpica – dessa forma o esporte atuaria na educação da juventude a partir da valorização da competição leal e sadia, da saúde e atividade física.

À vista disso, o Movimento Olímpico é norteado pelo Olimpismo, considerado como filosofia utópica e fundamental como forma de intervenção social, política e cultural que, somada aos Jogos Olímpicos e à Educação Olímpica, tinha como objetivo criar uma sociedade pacífica⁵. De acordo com o Comitê Olímpico Internacional⁶, o Olimpismo visa colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, encorajando o estabelecimento de uma sociedade pacífica e preocupada com a preservação da dignidade humana, criando, então, um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais e universais. O esporte, como fio condutor de relações interpessoais, seria capaz de expor valores e comportamentos significativos, constitutivos de uma identidade cultural, fornecendo, além de um potencial contexto educativo, uma plataforma de atitudes éticas e de valores indispensáveis à vida social e individual⁷. A

partir do ponto de vista de Pierre de Coubertin⁴, a aproximação das manifestações esportivas com o imaginário heroico seria capaz de inserir o esporte como dispositivo pedagógico e caminho de transformação do caráter humano.

Nesse sentido, propõe-se um código de conduta, ou um conjunto de valores, para nortear as ações de todos os envolvidos com as atividades olímpicas, sendo os princípios indicadores daquilo que se poderia ver de mais sublime no ser humano. Sendo assim, a cooperação, a tomada de decisão, o cuidar de si mesmo e do outro, a resolução de problemas e conflitos e a participação ativa na sua comunidade seriam elementos constituintes de uma sociedade democrática, e também do ideal olímpico⁷.

A promoção dos valores deve ser vista como tarefa educativa e, o esporte, como fenômeno que permite a vivência deles. Corroborando com esses pressupostos, Chatziefstathiou⁸ acredita que o desenvolvimento de virtudes, excelências humanas e o cultivo de qualidades capazes de levar as pessoas a agir de forma virtuosa, deveria ser um dos objetivos da Educação Física escolar. Contudo, este ensaio não pretende falar sobre a Educação Física e o conteúdo curricular ‘esporte’, mas sim propor uma série de reflexões possivelmente fecundas sobre o esporte na escola, praticado em aulas do contraturno escolar, e a dificuldade muitas vezes encontrada pela escola em admiti-lo como peça fundamental para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. Do mesmo modo, propõe-se um caminho semelhante ao que é utilizado no campo de educação comparada, que é o de estudar questões relacionadas ao provimento educacional a partir da comparação entre diferentes contextos. Os pesquisadores comparativistas buscam analisar diferentes sistemas de educação que demonstram algum sucesso em questões específicas, visando não somente apontar os problemas, mas também fazer com que os produtos dessa investigação sirvam como instrumentos de reforma. Dessa forma, é preciso discutir a potencialidade do esporte educacional e pesquisas comparativas seriam uma estratégia relevante para tais reflexões.

O campo da educação comparada como espelho para novas reflexões acerca do esporte na escola

A educação comparada é uma área de estudo que busca compreender sistemas e políticas educacionais em contextos nacionais e internacionais. Broadfoot⁹ reforça que para além desse propósito, os estudos de educação comparada também buscam

reconfigurar a epistemologia do campo, aplicar perspectivas teóricas, muitas vezes inexploradas, e conceber novas unidades de análise no que tange o nível micro do cotidiano em sala de aula.

[...] a educação comparada precisa ser capaz de apresentar resultados de pesquisas que tenham proeminência internacional, ampla, nas quais o rigor do processo de conceituação, gestão da pesquisa, coleta e análise de dados sejam, ao mesmo tempo, suficientemente sólidos para enfrentar ataques motivados por interesses políticos, e suficientemente novos e originais para prover validação independente, ou desafiar o status quo que é sua *raison d'être*⁹(p. 718).

A autora salienta que a pesquisa educacional feita em educação comparada tem como foco aspectos do provimento educacional, no sentido de refletir sobre as formas de prover educação de maneira mais eficiente, mais equitativa ou mais efetiva; isso se dá a partir de análises comparativas de sistemas e recursos que definem formalmente o provimento educacional em diferentes contextos. Holmes¹⁰ destina à educação comparada a função de focar o estudo em um determinado problema educacional, buscando analisá-lo contextualmente, compreendê-lo e explicá-lo – de uma forma ampla, englobando quesitos econômicos, políticos, culturais e sociais de um país. O produto desse processo seria a formulação de hipóteses refutáveis, que sejam capazes de elaborar “[...] predições verossímeis quanto aos prováveis resultados da implementação de políticas (p. 86)”¹¹.

À luz desse discurso, a educação comparada tem um caráter intencionalmente reformador, e utilizando-a como espelho, a intenção seria utilizar esses caminhos em vista a reestruturar as concepções que abarcam o esporte na escola. Assim, propõe-se que o esporte escolar seja objeto de estudos comparativos em relação a outros contextos, afim de levantar pontos que reforcem a função educacional do esporte; bem como no campo da educação comparada, a intenção é buscar novas epistemologias, novas ferramentas metodológicas e novos pontos de vista sobre o fenômeno⁹.

Portanto, as pesquisas nesse campo partiriam de abordagens interdisciplinares, com o intuito de contextualizar o fenômeno e considerar os diferentes contextos, clarear caminhos e produzir novas concepções do valor do esporte na escola. Para além das abordagens, é preciso também pensar na metodologia empregada nesses estudos. Embora sejam necessárias, o intuito não é fazer somente comparações quantitativas – em relação

à índices de desempenho em competições, por exemplo - mas também qualitativas, buscando semelhanças e diferenças em comparação à lugares que tratem o esporte escolar como uma base importante para o desenvolvimento esportivo do indivíduo.

Esporte escolar

A intenção desse texto não é falar sobre a Educação Física escolar, ou do esporte enquanto conteúdo curricular da disciplina, porém, para dialogarmos com o esporte inserido escola, devemos lembrar que sua escolarização se deu a partir da sua inserção nas aulas de Educação Física – por isso, é fundamental que relembremos como se deu esse processo.

Foi em meados do século XX que tivemos um grande desenvolvimento do esporte no contexto extraescolar e, paulatinamente, um processo de escolarização. González *et al*¹² defendem que a inserção do esporte no sistema educacional teve dois momentos: o primeiro, que pode ser situado do início do século XX até as décadas de 1950 e 1960, consiste no fato de que o esporte aparece no discurso da Educação Física como um meio educativo que contribuía para a formação do vigor físico e do caráter da juventude. Debates relativos aos conteúdos educativos do esporte surgiram, evidenciando-se o fato de que seria necessário evitar alguns exageros relacionados ao culto ao espetáculo, aos heróis esportivos e à hiper competição. O segundo momento, situado entre as décadas de 1960 a 1980, é caracterizado por uma crescente subordinação da Educação Física escolar ao esporte, constituindo a chamada ‘esportivização da Educação Física’. Assim, o principal objetivo da disciplina seria iniciar os alunos nos esportes, a fim de conseguir talentos esportivos que viriam compor as equipes representativas em diferentes níveis – nacional, estadual e municipal. Tendo esse fim, as aulas de Educação Física teriam como essência a iniciação esportiva, com ênfase nas competições esportivas escolares e na formação de atletas – isso influenciava o trabalho dos professores, que passaram a se portar como técnicos.

Logo, na década de 1980 iniciou-se um período de críticas, advindas da própria Educação Física e também da educação, relacionadas ao modelo de esporte que era praticado nas aulas de Educação Física escolar¹³ – nesse momento, a Educação Física e o esporte eram tidos como sinônimos. Essa época é marcada por algumas problemáticas relacionadas aos objetivos, sentidos, valores, diretrizes e instrumentos de ação didático-

pedagógica norteadores da prática pedagógica do professor¹⁴. Com isso, o esporte, juntamente com a competição, se tornaram temas renegados e, muitas vezes, desqualificados no ambiente escolar¹⁵.

Segundo González et al¹², a crítica do esporte escolar foi feita baseada na ideia de que

- a) o esporte reproduz valores e princípios da sociedade burguesa, contribuindo assim para a manutenção das mesmas relações sociais;
- b) a prática do esporte escolar, em função da educação estética que fomenta, contribui para a docilização dos corpos, portanto, para um comportamento de submissão aos padrões vigentes;
- c) o esporte de rendimento, modelo do esporte escolar no Brasil da época, fomenta a seleção e a discriminação, privilegiando os mais aptos em detrimento dos menos habilidosos;
- d) o esporte, pelo seu peso político e econômico, conquistou a hegemonia no ambiente escolar, produzindo a monocultura esportiva e não permitindo ou dificultando o acesso dos estudantes às outras manifestações da cultura corporal de movimento (p.130).

A partir de então, buscou-se alternativas para repensar o esporte nas aulas de Educação Física, e o caminho adotado foi o de transformá-lo em um dos conteúdos da disciplina. Isso parte da intenção de superar uma visão fortemente biológica do corpo e do movimento humano, legada à Educação Física¹². Com base na compreensão de um corpo e movimento que abarcasse as diferentes dimensões humanas, o objeto da Educação Física passou a ser entendido como uma construção cultural, ou cultura corporal de movimento¹⁶. Portanto, o dever da Educação Física escolar passa a ser o de introduzir os alunos no universo da cultura corporal de movimento, de maneira que “[...] eles possam reinventar, transformar e usufruir, de forma autônoma e lúcida, essa parcela da cultura humana, bem como dela se apropriar (p. 133)”¹².

Desse modo, o esporte inserido nas aulas de Educação Física escolar ganha novos contornos a partir de um olhar ampliado; considerando que,

como prática cultural, o esporte incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma dada sociedade historicamente organizada, sendo realizado em diferentes espaços sociais e culturalmente apropriado de múltiplas formas (p. 9)¹⁷.

O movimento renovador crítico da Educação Física brasileira orienta a tematização do esporte enquanto conteúdo, abarcando conhecimentos que vão além do

desenvolvimento das habilidades técnicas, táticas, e regras das modalidades – como resultado, observamos a compreensão do esporte como um fenômeno sociocultural.

A partir dessa inserção enquanto conteúdo, o esporte é praticado dentro das aulas de Educação Física escolar – sendo um esporte da escola. Uma outra via para essa prática seria aquela em que o esporte é praticado no contraturno escolar, baseando-se em aulas de treinamento de modalidades esportivas, e que teria como objetivo a participação em competições esportivas em diferentes níveis – esse seria o esporte na escola^{17,18}.

O imaginário construído de um esporte escolar excludente é uma alusão àquele praticado nas aulas de Educação Física do século passado - submissa ao esporte de rendimento, sendo que a intenção dessas aulas era formar atletas e, por isso, os conteúdos eram voltados para o aprimoramento de gestos esportivos. A partir das correntes críticas que emergiram na época, o esporte passou a ser considerado um dos conteúdos da Educação física escolar, sendo a competição “malquista” dentro do ambiente educacional.

Embora tenham passadas praticamente quatro décadas desse movimento reformador da área, a esportivização da Educação Física na escola deixou como herança certas resistências, advindas da escola, no que diz respeito ao esporte (na escola).

O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. Ele é aquilo que se fizer dele. A prática do judô ou do rúgbi pode formar tanto patifes como homens perfeitos, preocupados com o fair-play (p. 144)¹⁹.

De acordo com Puig e Heinemann²⁰, o esporte deve ser compreendido como um sistema aberto e interdependente de outros sistemas – econômico, midiático, político e educativo. Diante disso, observa-se uma dimensão ampla e multifacetada e, por isso, não pode ser visto somente a partir de uma ótica de rendimento²¹, é preciso compreender a estrutura do esporte a partir das suas diferentes facetas na sociedade. No sentido de se tornar um ambiente emancipador, e a partir de sua face educacional, o esporte deve possibilitar condições para que o estudante construa conhecimentos que extrapolem os limites do ambiente de prática, com a finalidade de realizar a humanização de seres humanos²².

Mesmo sendo um dos conteúdos mais tradicionais da Educação Física, ele ainda não é reconhecido pela escola, que não acredita em sua função educativa, sobretudo da competição²³. Barroso e Darido²⁴ corroboram com essa ideia quando defendem que além de sua função educativa não ser reconhecida pela escola, o esporte também não tem um enfoque educativo claro. Decerto a escola ainda tem um olhar reducionista para o esporte, compreendendo-o como uma cópia do esporte de rendimento, que enfatiza apenas o resultado.

De acordo com Costa e Kunz²⁵, o esporte na escola precisa ser compreendido, experimentado e transformado para que seu valor educacional possa se manifestar. Por meio dele é possível formar alunos competentes, conscientes e entusiasmados - competentes no sentido de participar das modalidades esportivas sem muita dificuldade; conscientes por entenderem e vivenciarem os valores, as regras, as situações – tradicionais e rituais – que constituem o esporte; e entusiasmados por desenvolverem características para manter, proteger e ampliar a cultura do esporte em qualquer ambiente²⁶. Essa compreensão corrobora com a ideia do esporte como um fenômeno sociocultural, que não nega a importância do desenvolvimento de gestos esportivos, mas que carece de outras perspectivas de análise que o situa como um dos fenômenos mais importantes da sociedade contemporânea. De fato, é na escola que se dão os primeiros contatos com o movimentar-se – seja nas aulas de Educação Física escolar, com os conteúdos relacionados ao esporte, ao jogo, a luta, a dança e a ginástica; ou através de aulas de iniciação esportiva, realizadas no contraturno escolar, que, muitas vezes, tem como fim principal o preparo para competições escolares.

Definitivamente, como uma das formas de estímulo para a prática esportiva, as competições se constituem como uma oportunidade de valorização dos aspectos socioculturais envolvidos no esporte; tudo isso vai ao encontro de perspectivas de rendimento, competição exacerbada e especialização – é a partir dessa perspectiva que se torna possível desenvolver outros importantes sentidos e significados com e pelo esporte²⁵. Como descreve González et al.¹², experiências esportivas educadoras são capazes de transformar o conceito teórico em experiências e vivências que conduzem os estudantes na busca da emancipação, autonomia, discernimento e, conseqüentemente, na capacidade de transformação social.

É tempo de avanço!

O presente ensaio buscou trazer reflexões sobre o esporte *na* escola, e possíveis caminhos que podem ser trilhados no sentido de entender como o fenômeno é tratado em diferentes contextos, buscando novos pontos de vista e tirando-o de um lugar que o faz ser questionado por muitos dentro da escola.

No Brasil, quando vamos analisar o esporte escolar, alguns problemas nos saltam aos olhos de imediato; um deles está relacionado a continuidade do processo de prática esportiva. Isto é, por mais que haja algumas iniciativas que promovam jogos escolares, ou então o desenvolvimento de programas que incentivem a prática esportiva escolar, essas mesmas iniciativas acabam findando-se nelas mesmas. A falta de espaços que permitam o desenvolvimento esportivo dos jovens não permite um avanço qualitativo futuro. Indiscutivelmente a escola não é um ‘celeiro’ para atletas, e por esse mesmo motivo deve-se pensar em maneiras para dar seguimento a esse processo, no sentido de acolher esses talentos. A finalidade do esporte *na* escola é formar pessoas – que podem seguir carreira atlética ou não, não cabendo a escola se responsabilizar por isso.

E a quem cabe? Ao estado, que pouco investe em estruturas esportivas – possivelmente pela falta de uma política nacional para o esporte. Aqui no Brasil os atletas são formados nos clubes esportivos e sociais, sendo um processo desconectado da educação – o atleta profissional, na maioria das vezes, tem que escolher se segue na carreira esportiva ou se estuda. Em outras nações que tem a questão do esporte estreitamente estruturada, os atletas são vistos como estudantes em formação – isso quer dizer que ao final da jornada educacional, este atleta pode seguir a carreira no esporte profissional, ou em qualquer outra profissão. O que nos falta é um caminho esportivo que parta das práticas esportivas nas escolas e, aqueles que queiram continuar a fazê-la, que sejam bem aproveitados pelos clubes; e por fim, que todos eles consigam conciliar a prática esportiva com a formação acadêmica nas universidades – em qual área for. Formando essa cadeia de responsabilidade, a formação esportiva fluirá de maneira propícia.

Esse planejamento de estado deve ser feito de acordo com as necessidades que o país apresenta, mas nada impede que modelos presentes em outros lugares sejam visitados, valendo-se de objetos de inspiração para o modelo brasileiro. A ideia não é que experiências e ações exteriores sejam copiadas, e reproduzidas aqui *ipsis litteris*, mas sim

que sirvam de base norteadora para fazermos o nosso modelo – considerando nossas especificidades, demandas, estruturas, enfim. Decerto, falta estrutura esportiva nas escolas; e oportunidades para a continuidade da prática esportiva aliadas à formação educacional do indivíduo – contudo essas objeções seriam minimamente resolvidas a partir de uma política pública de esporte.

O Plano Nacional de Desporto (PND) pode ser uma esperança nesse sentido, mesmo que seja um projeto de lei que tramita no governo há mais de 23 anos (ele está previsto desde a criação da Lei Pelé no ano de 1998, porém nunca foi efetivado). O projeto tem como base propositiva a atuação conjunta e colaborativa da União, dos Estados e dos Municípios, a partir do estabelecimento de metas e indicadores, e da definição de responsabilidades no que tange o desenvolvimento esportivo do país. Mas, como em muitos casos, é preciso ter paciência e esperar que esse projeto seja aprovado. Enquanto isso, seguimos lutando pelo esporte educacional.

E, portanto, ao defendê-lo, não precisamos limar as contradições existentes, mas sim considerá-las e avançar nas reflexões para além de uma visão reducionista de algo excludente. Para além disso, é preciso sair de uma compreensão de esporte alusiva à reprodução de gestos esportivos, sem considerar os aspectos socioculturais que estão envolvidos no fenômeno. Precisamos alterar tais discursos engessados e, finalmente, dar luz à função educacional do esporte – que passa despercebida aos olhos de muitos.

Referências

- 1 Rubio K. O atleta e o mito do herói. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 2 Rubio K. Esporte e mito. São Paulo: Képos; 2017.
- 3 Zimmermann MA. O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros [dissertação]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2019.
- 4 Müller N, Todt NS. Pierre de Coubertin 1863-1937 - Olimpismo: Seleção de textos. ediPUCRS. Porto Alegre; 2015.
- 5 Quintilio NK. Das vivências às experiências significativas: os valores olímpicos como mobilizadores das habilidades socioemocionais por meio do esporte educacional [tese]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2019.
- 6 COI. Carta Olímpica. Laussane: Comitê Olímpico Internacional; 2014.
- 7 Perez CR. O entendimento de valores olímpicos por atletas olímpicos brasileiros [tese]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo; 2017.
- 8 Chatziefstathiou D. Olympic education and beyond: olympism and value legacies from the olympic and paralympic games. *Educ Rev*. 2012;64(3):385–400.

- 9 Broadfoot P. Tempos de revolução científica? Da educação comparada à ciência comparada de aprendizagem. In: *Educação comparada: panorama internacional e perspectiva*. Brasília: UNESCO/CAPES; 2012. p. 717–38.
- 10 Holmes B. *Comparative education: some consideration of method*. London: Allen & Unwin; 1981.
- 11 Mattheou D. O paradigma científico na educação comparada. In: *Educação comparada: panorama internacional e perspectiva*. Brasília: UNESCO/CAPES; 2012.
- 12 González FJ, Moreira E, Darido SC, Scaglia AJ. Nas pegadas do esporte educacional. In: *Legados do Esporte Brasileiro*. Florianópolis: Ed. da UDESC; 2014.
- 13 Stigger MP. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. *Movimento*. 2001;7(14):67–86.
- 14 Carlan P, Kunz E, Fensterseifer PE. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. *Movimento*. 2012;18(4):55–75.
- 15 Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC. *Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte; 2013.
- 16 Soares CL, Taffarel CNZ, Varjal E, Filho LC, Escobar MO, Bracht V. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. Corteza. São Paulo; 1992.
- 17 Vago TM. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. *Movimento*. 1996;3(5):4-17.
- 18 Bracht V. *Aprendizagem social e Educação Física*. Magister. Porto Alegre; 1992.
- 19 Parlebás P. *Perspectivas para una Educación Física Moderna*. Sevilla: Cuadernos tecnicos; 1987.
- 20 Puig N, Heinemann K. El deporte en la perspectiva del año 2000. *Pap Rev Sociol*. 1991;(39):123–41.
- 21 Goellner SV. Locais da memória: histórias do esporte moderno. *Arq em Mov*. 2005;1(2):79–86.
- 22 Reverdito RS, Scaglia AJ, Paes RR. *Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens*. Motriz. 2009;15(3):600–610.
- 23 Paes RR. *Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental [tese]*. Campinas (SP): Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas; 1996.
- 24 Barroso ALR, Darido SC. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. *Rev da Educ Física/UEM*. 2009;20(2):281–289.
- 25 Costa A, Kunz E. Esporte na escola: conhecer, experimentar e transformar. *Em Aberto*. 2013;26(89):119–129.
- 26 Luguetti C. A iniciação esportiva na escola por meio das práticas esportivas escolares. In: *Esporte infante juvenil - Treinamento a longo prazo e talento esportivo*. São Paulo: Edusp; 2011. p. 189–212.